

UNIDADE 3: ARISTÓTELES E PLATÃO E A CIÊNCIA DO SER ENQUANTO SER

Objetivos específicos de aprendizagem

- A busca por um novo tipo de estudo, que inclui o ser das coisas sensíveis
- A ciência do ser (enquanto ser)
- O tema da substância
- O lugar (lógico) da Substância

Ao final desta Unidade você deverá ser capaz de:

- Aprimorar a capacidade de problematizar conforme os textos filosóficos
- Articular conceitos diversos
- Desenvolver as ideias conforme o pensamento do autor de forma coerente
- Aprender a aprofundar o entendimento das teses do autor

O “novo” caminho trilhado por Aristóteles

A exposição conceitual-histórica acerca dos seus antecessores serve para Aristóteles garantir o modelo explicativo-causal por ele exibido na *Física*, mas doravante com uma função distinta, ligada às causas e princípios mais nobres³⁴, o fundamento do real, que os antecessores de Aristóteles não vislumbraram por completo e da melhor forma, pois boa parte entre eles ainda estava muito limitado a *physis*, o que é compreensível já que foram os primeiros a começar uma reflexão racional sobre as coisas.

Porém, grosso modo, boa parte dos Pré-socráticos buscou definir a realidade última das coisas por uma decomposição das coisas sensíveis, até chegar a um tipo de substrato³⁵. Tales é um claro exemplo disso, quando defende que a água seria o *elemento* e, podemos acrescentar, o ser das coisas ou a substância.

Platão já teria avançado na investigação sobre o real, afastando-se do sensível, fugidio e pouco propício a ser o bom candidato a realidade última. Assim ele chegou às Ideias ou Formas. Mas vimos os problemas ocasionados ao se sustentar tais Formas, transcendentais e não convenientes para explicar o ser (ou a substância) dos sensíveis.

Aristóteles também se voltou ao estudo da *physis*, mas principalmente para entender o movimento natural aos sensíveis, sujeitos à mudança, à geração e à corrupção. Em meio a tal pesquisa, ele já tratara das quatro causas como modalidades que poderiam explicar as coisas. Mas ele já notara que faltava entender melhor a causa primordial dos objetos físicos ou seres sensíveis.

Em resumo, duas coisas se destacam nos entes sensíveis, um substrato (*hypokeímenon*), a matéria (*hyle*), e a forma (*eidós*). As coisas poderiam ser normalmente tomadas como um substrato-material dotado de uma forma que a determinaria e, em meio a isso, aconteceriam as mudanças

³⁴ Não ainda os divinos, mas conforme a boa parte de Met. (A)I, da realidade das coisas, do fundamento do real daquilo que percebemos e experimentamos neste mundo.

³⁵ Bréhier (1978), p. 153. Como bem afirma Aubenque, Bréhier, em poucas páginas da sua *História da Filosofia*, elabora de forma fascinante questões sobre a *Metafísica*.

dos corpos, em graças ao ganho ou à perda de forma por parte da matéria. Haveria ainda a contribuição das outras duas causas, eficiente e final, mas para o que veremos, principalmente na última unidade, já que é o ser que está em questão, a forma e a matéria são as causas mais importantes.

Faltaria, então, resolver, principalmente entre essas duas causas, material e formal (que podemos simplificar como matéria e forma), qual seria a primeira no quesito ser causa primeira realidade, o que ainda não era claro para Aristóteles na sua *Física* (I 7 191 b19-20), muito menos para seus antecessores, pois a mera decomposição das coisas também não seria o bom método. A busca pela compreensão da própria realidade das coisas do campo físico mereceria um tratamento à parte. O livro A (I) da *Metafísica* pode ser tomado como parte nesse processo de transição entre o que é do campo da física e o que é ainda não teria um lugar certo, mas que hoje incluímos nisso que denominamos metafísica.

Mas, é preciso incluir outro pormenor, pois como vimos, se retomarmos o que foi visto no final da Unidade 1, a teologia parecia ser a ciência mais elevada, e Aristóteles chega a denominá-la de filosofia primeira (*Met.* E(VI) 1025 a15). Aristóteles chega a indicá-la como a ciência mais nobre, pois ela trataria do gênero mais nobre de objetos, pois se voltaria aos seres mais excelentes, às realidades separadas imóveis (e em parte aos seres sensíveis estáveis, os outros astros). Haveria, abaixo de tais realidades, aquelas intrinsecamente ou imanentes à matéria, as realidades sensíveis, estudadas principalmente pela física, que Aristóteles também passa denominar como filosofia (*Met.* E(VI) 1), mas não a primeira, pois diz respeito a seres dotados de matéria, sujeitos à mudança, à geração e à corrupção e, portanto, longe da perfeição dos seres melhor acabados, principalmente daquele imóvel e apartado de qualquer matéria³⁶.

Podemos notar que se trata de ciências teóricas ou, como afirma doravante o autor, *filosofias* distintas, pois têm respectivamente objetos distintos. É certo que haveria entre elas uma relação de superioridade, a da filosofia primeira, voltada às realidades separadas e imóveis, sobre a física,

³⁶ Haveria ainda outra modalidade de filosofia ou de estudo teórico, a matemática ou uma parte da matemática, cujo objeto seria aquilo que seria imóvel, mas não separado da matéria (*Met.* E(VI) 1 1025 a7-10).

que pode ser entendida como filosofia segunda. Mas vale chamar a atenção para um ponto em *Met.* E(VI) 1, quando é dito:

“Poder-se-ia perguntar se a filosofia primeira é universal ou se refere a um gênero determinado e a uma realidade particular. De fato, a respeito disso, no âmbito das matemáticas existe diversidade: a geometria e a astronomia referem-se a determinadas realidades, enquanto a matemática geral é comum a todas. Ora, se não existisse outra substância além das que constituem a natureza, a física seria a ciência primeira; se ao contrário, existe uma substância imóvel, a ciência desta será anterior <às outras ciências> e será a filosofia primeira, e desse modo, ou seja, enquanto primeira, ela será universal e a ela caberá a tarefa de estudar o ser enquanto ser, vale dizer, o que é ser e os atributos que lhe pertencem enquanto ser” (*Met.* E(VI) 1006 a23-32 – sem grifos no original).

A partir daqui, nos deparamos com outro dos grandes problemas da metafísica. Conforme a afirmação do autor, nessa passagem, pode haver a impressão de que a filosofia primeira, teologia, expressaria filosofia em geral, voltada à explicação do ser enquanto ser, como se ela fosse “a matemática”, acima de ramos particulares desta. A teologia poderia ser, então, a própria expressão da metafísica. Reale, por exemplo, confia na unidade das linhas investigativas da Metafísica a partir “ciência teológica”, como Aristóteles poderia dar a entender por essa passagem³⁷.

Porém, ao consultar importantes trechos da *Metafísica*, como os livros Γ e Z , parece que temos pistas de uma ciência ainda mais geral sobre o ser (enquanto ser), e parece que a filosofia primeira, enquanto teologia, não trataria exclusivamente do ser enquanto ser, uma das noções mais gerais de

³⁷ REALE, vol. I, pp. 46-48

investigação metafísica, mas de um gênero de ser (o divino) e, portanto, não seria a ciência ou a filosofia em geral, como nota Aubenque³⁸, mas seria de certa maneira *particular*. Aristóteles tende a defender a existência de seres mais nobres, supra-sensíveis, incorruptíveis etc. e afirma que caso não houvesse tais seres, restariam os seres sensíveis e a física seria a filosofia primeira, o que não seria o caso, pois ele prova em outros momentos os entes superiores. Mas em outro momento ele se afasta mais de uma suposta afirmação direta acerca da teologia como a filosofia (geral):

“Existem tantas partes da filosofia quantas são as substâncias; conseqüentemente, é necessário que entre as partes da filosofia exista uma que seja primeira e uma que seja segunda. De fato, originalmente o ser é dividido em gêneros e por esta razão as ciências se distinguem segundo a distinção desses gêneros. O filósofo é como matemático: de fato, também a matemática tem partes, e destas uma é primeira e outra é segunda, e as restantes seguem em série uma depois da outra” (Met. Γ(IV) 2 1004 a3-9).

Nessa passagem ele é mais explícito sobre a presença modalidades de seres e das respectivas filosofias (primeira...) conforme a altivez do objeto, mas dando a entender que a filosofia (geral) equivaleria à matemática (geral).

O que importa ter em mente é que Aristóteles, apesar de em certo ponto parecer defender o papel geral da teologia, não apenas primordial, não parece reduzir o tratamento exclusivo do ser (e provavelmente a ciência do ser) à filosofia primeira ou teologia claramente nos seus textos; tanto que os editores não optaram pelo título de *Tratado de Filosofia Primeira* ou *Teologia*³⁹. Talvez ele possa ter pensado tal generalidade para a teologia em algum momento, mas pode ser que ele tenha se desviado de tal pensamento.

³⁸ Aubenque (2012), pp. 41-43

³⁹ *Idem*.


Não teremos condições para delinear o que seria a filosofia geral de Aristóteles (acima da primeira, da segunda e mesmo da matemática). Vale, todavia, observa que, para alcançar sua ciência mais geral sobre o ser, Aristóteles não se vale da filosofia primeira ou teologia. Quando acompanhamos boa parte do texto da *Metafísica*, notamos que Aristóteles não se volta, sobretudo, à investigação do ser supremo, mas à(s) causa(s) do ser no plano sensível, exatamente do plano terreno⁴⁰; e isso já se inicia a partir do restante da investigação de *Met. A* (1), o qual apesar de indicar alguns ingredientes da teologia aristotélica no segundo capítulo, não continua o desenvolvimento desse tema, mas sim dos seres sensíveis ou da(s) causa(s) que fundamenta(m) o ser(es) nas coisas sensíveis. Isso poderia significar que a física continuaria a guiar a continuação da investigação sobre o ser (e talvez da filosofia geral), mas não é esse o caso. As coisas sensíveis também poderiam fornecer pistas para o estudo do ser (o que pode ser argumento contra do aspecto de filosofia geral da teologia), podendo ser deixado para a física o tratamento das mesmas apenas enquanto seres moventes e não enquanto seres.

Podemos ao menos notar, até este ponto, o caráter inédito da modalidade da investigação aristotélica sobre o ser, e ela talvez nem tenha nome, como aponta Aubenque em seu *O problema do ser em Aristóteles*.

É certo que, na *Metafísica*, há a tarefa de se buscar o porquê ou o princípio das coisas em sentido mais elevado, o que diz respeito diretamente àquilo que faça com que elas sejam o que são, com que existam, sejam reais e, podemos acrescentar, tenham *unidade*, pois dizer que algo seja o que é ou que exista em sentido estrito também se relaciona à manutenção de algo, ao menos em parte, como uma unidade, sem que se disperse com alguma mudança; procura-se aquilo que seria o *ser* ou que expressa a noção de ser nas coisas. Como já adiantamos, não será possível resolvermos todos os problemas relativos à filosofia mais geral de Aristóteles, a ciência do ser enquanto ser, mas poderemos talvez encontrar algumas pistas através de

⁴⁰ Não buscaremos tratar da teologia aristotélica, por questão de oportunidade; mas ao final, após a investigação acerca ser sensível, talvez sejam encontradas pistas sobre o ser divino, separado deste mundo (que de fato é tratado apenas em um pequeno trecho da *Metafísica*, uma parte do livro Λ).

uma pequena passagem pelo início de *Met. Γ*. Vale novamente ressaltar que continuaremos esse percurso ainda a partir das coisas sensíveis e que já se pode notar que ultrapassamos o limite entre física e metafísica, pois mesmo se trate dos seres sensíveis, tomaremos esses pela ótica da ontologia, por aquilo que faz com que *eles sejam*. Em suma, esboçar junto a Aristóteles o ser nas coisas pode iluminar em parte a tarefa da Metafísica e revelar em parte o que faz com que as coisas sejam reais, o que também fora sem dúvida uma grande questão que chamou a atenção do autor.

	<p style="text-align: center;">LEITURA OBRIGATÓRIA</p> <p>ARISTÓTELES, <i>Metafísica</i> Γ(IV) 1 e 2; E(VI) 1 (Reale, Vol. II)</p> <p>AUBENQUE, “A ciência sem nome”. <i>In: O problema do ser em Aristóteles</i>, pp. 27-49.</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

A busca pelo ser enquanto ser

Aristóteles abre *Met* Γ(VI) 1 (Livro Gamma) da seguinte forma:

“Existe uma ciência que considera o ser enquanto ser (tò on he on) e as propriedades que lhe competem enquanto tal. Ela não se identifica com nenhuma das ciências particulares: de fato, nenhuma das outras ciências considera universalmente o ser enquanto ser, mas, delimitando uma parte dele, cada uma estuda as características dessa parte. Assim o fazem, por exemplo, as matemáticas.”

Ora, dado que buscamos as causas e os princípios supremos, é evidente que estes devem ser causas e princípios de uma realidade por si. Se também os que buscavam os elementos dos seres⁴¹, buscavam esses princípios <supremos>, necessariamente aqueles elementos não eram elementos do ser acidental, mas do ser enquanto ser. Portanto, também nós devemos buscar as causas do ser enquanto ser” (Met Γ(VI) 1 1003 a20-31; sem grifo no original).

Aristóteles já começa assumindo que há uma ciência cujo objeto é o ser *enquanto ser* ou *como ser*. Desde *Met A(1)*, ele já teria chegado ao espaço de uma ciência superior, totalmente teórica e universal por tratar dos princípios primeiros e das causas, que parece se ligar àquilo que há de mais primordial, principalmente no que se refere às causas ou às modalidades de causa em que deve se enquadrar o que fornece realidade às coisas do mundo. Agora ele parece denominar tal ciência diretamente como a investigação acerca do *ser enquanto ser*.

Tal ciência se distingue das outras, que são particulares, pois nenhuma se refere exatamente ao ser enquanto ser, mas delimitam uma parte do ser e se foca em tal perspectiva. Não é fácil saber quais são essas outras ciências, opostas à ciência geral, que tem as qualidades para ser a filosofia geral, como é indicado na continuação de *Met. Γ*. A matemática, por exemplo, pode se voltar apenas para as medidas referentes ao ser, não ao ser enquanto ser.

Em *Met Γ(VI)*, Aristóteles também parece entrar por completo no tema da obra. Mas é importante nos esforçarmos para entender se aquilo que é exposto em *Met Γ(VI)* pode ser um prolongamento do que é apresentado em *Met A(I)* ou a entrada em outro aspecto de estudo que se integra à investigação metafísica, ou ainda a apresentação do objeto da metafísica.

Permanece a busca por causas e princípios supremos, como enunciado em *Met A (I)*, mas agora explicitamente ligada à noção de

⁴¹ Seriam os Pré-socráticos e os elementos materiais?

realidade por si. Entra em jogo a realidade por si e tudo o que for investigado precisa ser tomado tendo isso como referência. Princípios e causas devem ser tratados sob o ponto de vista daquilo que é real por si, não apenas de aspectos do ser ou seus acidentes, mas o próprio ser. Devemos buscar, então, as causas do ser enquanto ser ou aquilo que faz com que algo seja ou exista (por si).

Convém advertir que, daqui por diante, em relação às indicações de leitura, serão selecionados apenas alguns trechos importantes para mantermos unidade para este módulo, a fim de que continuemos a ter um panorama do lugar do estudo entendido como metafísica e da investigação acerca da causa dos seres.

*


O ser de algo tem natureza primordial, por exatamente tocar na realidade e na unidade da coisa; ele tem *natureza primordial*, e o mesmo se passa com a causa do ser. Assim, apesar de parecer trivial, em meio à busca por causas e princípios (primeiros), o estudo metafísico, segundo Aristóteles, tem a função de fazer com que entendamos o *ser* e, não apenas isso, mas também *enquanto ser*. Lear nos ilustra de forma esclarecedora esse tipo de investigação:

“Há uma ciência, diz ele, que investiga como (enquanto)’. A expressão ‘ser como (enquanto) ser’ pode parecer estranha, mas a ideia de Aristóteles é que o homem é capaz de conduzir uma investigação sobre a estrutura geral da realidade. Ao invés de se concentrar apenas em aspectos particulares da realidade – digamos, o céu ou os organismos vivos como o fazem as ciências da astronomia e da biologia –, o homem pode também abstrair todas as propriedades particulares que fazem com que as

coisas sejam o que são, e considerá-las somente como existentes.”⁴²

Lear nos ajuda a entender o que está posto na investigação do ser enquanto ser, o qual diz respeito à própria realidade abstraída. Ele revela bem como o ser humano pode entrar nessa empreitada para descobrir a realidade enquanto tal, para além de uma ou outra modalidade de investigação particular⁴³. Não é descabido considerarmos que aquele desejo natural pelo saber invocado logo na primeira linha da Metafísica desembocaria na busca pelas causas e princípios da própria realidade enquanto tal. Não se buscaria mais algum aspecto particular do ser ou não se tomariam mais as outras modalidades de ciência (particulares e inadequadas) para tratar do ser, mas, como podemos entender, após o esboço de uma ciência (talvez sem nome, como diria Aubenque) distinta das outras, seria buscado aquilo que define o ser exatamente enquanto ser ou sua causa.

Do ponto de vista do discurso, o ser não deveria mais ser expresso por uma mediação de outras formas de discurso ou de predicação que o expressassem de forma apenas “lateral”, mas daqui por diante, pela ciência do ser enquanto ser, deveria haver o esforço para expressá-lo diretamente. Vejamos isso melhor.

	<p style="text-align: center;">LEITURA OBRIGATÓRIA</p> <p>Reler: ARISTÓTELES, <i>Metafísica</i> Γ(VI) 1-2 (Reale, Vol. II) .</p> <p>LEAR (2006), Cap. 6.3: “Metafísica: a investigação do ser como ser”.</p>
-------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

⁴² LEAR (2006), pp. 361-362 (modificado).

⁴³ Como talvez seja o próprio caso da teologia, o que torna ainda mais difícil considerá-la a filosofia geral.

Predicação, conhecimento e ser

Quando nos referimos ao *ser*, devemos estar atentos ao sentido que isso tem. *Ser* tem duplo significado gramatical, pois pode ser verbo ou substantivo; ele pode ser invocado para revelar a “essência” de uma coisa, ou melhor, para extrair as notas essenciais de algo, por exemplo, “Sócrates é homem”, ou para associar duas coisas que em princípio podem ou não estar ligadas, por exemplo, “Sócrates é filósofo”. No primeiro caso, vemos algo que contribui para definir o que Sócrates é. No segundo, nota-se uma propriedade que, apesar de informar algo a respeito do sujeito “Sócrates”, pode ser retirada do mesmo sem que interfira na essência do sujeito, pois nada impede que “Sócrates não seja filósofo” (de fato, em algum momento ele deve não ter sido; na sua infância, por exemplo).

Quando buscamos entender a natureza de algo é comum perguntarmos “o que é?” e podemos ter basicamente uma dessas modalidades de respostas vistas acima, apesar de que, para sermos mais rigorosos, esperamos do ponto de vista filosófico responder que digam respeito à essência do sujeito ou exatamente aquilo que faça com que ele seja o que é. Podemos extrair diversas informações acerca de uma noção bem formada, como o caso de “Sócrates”, que unifica uma diversidade de propriedades. Mas por trás delas deve haver algo de *natureza primordial*, do ponto de vista da predicação essencial, que as sustenta contra as variações. Deveria haver uma forma de revelar a natureza disso que permanece e que se mantém uno, referente aos atributos essenciais da coisa. Isso que permanece tem duplo aspecto, pois não apenas garante uma estabilidade de noção para aquilo que pode ser considerado ser e que mantém as suas propriedades (que não podem subsistir sem um ser), como também é ponto de apoio para o conhecimento. Como podemos observar, aparece com força a ideia de algo permanente que auxilie na sua captação pelo intelecto, pois do contrário jamais haveria conhecimento possível.

Ser, sujeito e substância

Precisamos perceber que, quando se investiga a natureza do ser, ou de um ser, ou aquilo que algo é, buscamos chegar àquilo que o define, ou o que ofereça a natureza mais essencial disso, ou aquilo que faz com que se diga “existe”, ou o que seria a causa que faz com que algo seja, ou podemos chamar de a *essência* da coisa⁴⁴. A investigação metafísica ou sabedoria (ou filosofia geral) em sentido estrito, toca aquilo que há de mais fundamental para realidade, aquilo que é mais importante para o conhecimento, o que se refere à essência das coisas.

Quando se fala daqui por diante em um ser, também se pensa em algo bem delineado e assentado que sirva de referência para diversos acidentes ou diversas formas de predicções. No mundo, podemos notar que há coisas que se sustentam por si mesmas, como o exemplo de “Sócrates”, que, de alguma forma, quando tomado como sujeito, serve de sustentáculo de propriedades, as quais não se sustentariam por si mesmas – caso não houvesse coisas-sujeitos ou seres com que elas pudessem se associar. A cor branca, por exemplo, apesar de poder ser inicialmente enunciada isoladamente, como a “brancura”, precisa se juntar a alguma coisa, um ser, para que ela apareça, seja numa mancha de tinta, seja num pedaço giz, seja em “Sócrates”. A função da metafísica em certo ponto passa a ser o entendimento dessas coisas primordiais por elas mesmas, sobre as quais podem ser feitas diversas atribuições ou às quais se juntam as propriedades.

Aristóteles chama os diversos modos de atribuições ou de predicções a um ser de *categorias*. Por exemplo, quando se diz “Sócrates é músico”, atribui-se uma *qualidade* ao mesmo. Quando se diz “Sócrates anda”, atribui-se a ele um *movimento ou um lugar*. Existiriam diversas categorias de predicção, sem que Aristóteles nos ofereça uma lista definitiva de quais seriam elas. É certo, no entanto, que algo se destaca no tema das categorias, pois, como vimos, há, de um lado, um grupo de predicções acidentais (por exemplo, “Sócrates é músico” ou “Sócrates anda”), e, de outro, predicados

⁴⁴ Mas apesar de ser um argumento de aspecto lógico, não se pode perder de vista que o objetivo ainda é ontológico; busca-se uma noção bem constituída de sujeito, mas que deve, ao final, expressar algo que efetivamente exista.

que definem essencialmente algo (“Sócrates é homem”), que expressam algo que jamais pode ser negado sem que se elimine a própria coisa (não se pode negar a humanidade de Sócrates da mesma forma que se pode negar que ele seja filósofo).

Devemos aproveitar para incluir outro detalhe importante, pois, além de ser referência para propriedades, um ser não é ele mesmo atribuído a outro ser. “Sócrates”, por exemplo, não pode ser predicado de qualquer outra coisa. Ele nunca é uma propriedade, mas apenas é sustentáculo de predicções. Isso auxilia a entender a oposição entre um ser, com sua essência, e suas propriedades ou acidentes.

Isso que é expresso por meio de proposições indica algo mais amplo, pois quando estudamos o aspecto mais essencial da realidade, buscamos aquilo que tenha primazia do ponto de vista *ontológico*, *epistemológico* e *lógico*⁴⁵.

Ontológico, por fornecer o ponto de apoio para a *realidade*, sob o qual outros atributos possam se juntar, como vimos no caso de “Sócrates” e “andar”.

Epistemológico, pois é por haver tais realidades que se pode ter *conhecimento* legítimo sobre o que há do mundo, pois, se não houvesse nenhum ponto fixo ou realidade última, aqueles predicados não teriam no que se apoiar e não poderíamos jamais conhecê-los (de fato, nem existiriam sem os seres).

Lógico, porque o *pensamento tem suas regras* apoiadas sobre uma forma que se imprime sobre as coisas; caso não houvesse efetivamente realidades, sob a forma de *sujeitos*, não se poderia iniciar um raciocínio, já que não haveria base ou princípio para iniciar uma prova legítima sobre fatos do mundo.

Esse esquema resumido para entender a questão do ser sobre a ótica da predicação, com referência algo, por exemplo, Sócrates, como caso de ser. Porém, isso deve ser tomado com cautela, pois é certo que em outro texto de Aristóteles, as *Categorias*, o filósofo toma casos como o de Sócrates

⁴⁵ Aristóteles ainda se refere a uma prioridade, que ele denomina de temporal (*Met. Z* (VII) 1 1028 a32-34), para se referir à separação ou independência do ser em relação ao seus acidentes ou afecções.

como expressão direta de substância no sentido estrito; seriam as substâncias primeiras. Porém, há algo diferente na *Metafísica* em relação às *Categorias* (cuja autenticidade é controversa ou que seria um texto de juventude de Aristóteles⁴⁶), pois em *Met.* Γ ou Z não é o fato de algo como “Sócrates” ser um indivíduo é que o torna um ser, mas é por ele representar outra coisa em meio às outras predicções, o que teria dentre outros resultados a individualidade enquanto ser. Para entendermos isso, vale a pena indicar este trecho:

“O ser se diz em múltiplos significados, mas sempre em referência a uma unidade e a uma realidade determinadas. O ser não se diz por mera homonímia, mas do mesmo modo como chamamos ‘salutar’ tudo o que se refere à saúde: seja enquanto a produz, seja enquanto a conserva, seja enquanto é capaz de recebê-la [...] Assim também o ser se diz em muitos sentidos, mas todos em referência a um único princípio: algumas coisas são ditas ser porque são substâncias, outras porque são afecções da substâncias, [...] ou causas produtoras ou geradoras [...] da substância” (Met. Γ 2 1003 a33-b).

Aristóteles afirma que por trás de toda predicção há um sentido primeiro de ser, ao qual as outras predicções se referem, e não apenas conforme o nome do mesmo (grosso modo, homonímia: nomes iguais para conteúdos ou referências distintas), mas porque de certa forma se referem a algo de natureza primordial, a substância (*ousía*). Essa sim parece dizer respeito ao ser. A substância também pode ser considerada uma forma de categoria ou de predicção, mas a primeira. Ela seria primeira pelo fato de o restante das outras predicções se referirem a ela. Haveria, assim, o que costuma ser chamado de *sentido focal*, em referência a um clássico artigo de

⁴⁶ Independentemente da autoria de controverso tratado, as *Categorias* apresenta a maior lista de tipos de predicção: substância, quantidade, relação, qualidade, lugar, tempo, estado, condição, ação e paixão.

Owen⁴⁷. Assim, pelo menos do ponto de vista lógico, a substância não parece ser definida apenas em função de expressar um indivíduo (por determinação individual e por não ser algo atribuível a outro), apesar do sentido focal talvez expressar um indivíduo.

“É evidente [...] que os seres serão objetos de uma única ciência, justamente enquanto seres. [A] ciência [a filosofia] tem como objeto, essencialmente, o que é primeiro, ou seja, aquilo de depende e pelo que é denominado todo o resto. Portanto, se o primeiro é a substância, o filósofo deverá conhecer as causas e os princípios primeiros da substância” (Met. Γ(IV) 2 1003 b15-19)

O autor continua sua afirmação sobre um objeto de natureza primordial em termos de predicação, acerca de algo que serve de referência para as outras predicções (lembrar do caso da saúde e de tudo que diz respeito a ela, seja a produzindo, a mantendo etc.). Esse lugar primordial é o da substância, o referencial último. Como se trata da coisa primeira, que se expressa na forma de sentido primeiro, o que também diz respeito ao ser, será tarefa da ciência mais alta, que busca as causas e princípios primeiros, buscar as causas da substância. O autor atribui tal tarefa ao filósofo.

Até aqui, o mais importante foi delinear em parte o lugar no discurso do ser das coisas, antes de voltar às suas causas. Vale a pena mostrar em parte esse lugar do ser em relação às outras categorias, como substância, pois revela em parte a posição do ser frente àquilo que não faz parte de sua essência. Vale apenas indicar que termo *ousía*, participio presente do verbo *einai*, ser, inclui a noção de essência, que por sua vez é estreitamente ligada à noção de definição, no sentido de revelar aquilo que há primordial para que algo seja o que é. Falta, então, voltar à investigação da causa efetiva do ser ou, daqui por diante, da substância.

⁴⁷ G. E. L. Owen, “Lógica e metafísica em algumas obras iniciais de Aristóteles”. In: Zingano (2005), pp. 177-204.



ESTA UNIDADE VOCÊ VIU

- A provável preparação aristotélica para uma investigação distinta do que fora feito nos seus temas ligados à física ou ciência da natureza: a questão da causa da realidade das coisas.
- Ciência do ser enquanto ser
- Ser, predicação e essência
- A substância